

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

CLEUSA STEMPNIAK DOS SANTOS

**O INSUCESO ESCOLAR PELA ÓTICA DE PEDAGOGOS, PROFESSORES  
E ALUNOS**

CURITIBA

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

CLEUSA STEMPNIAK DOS SANTOS

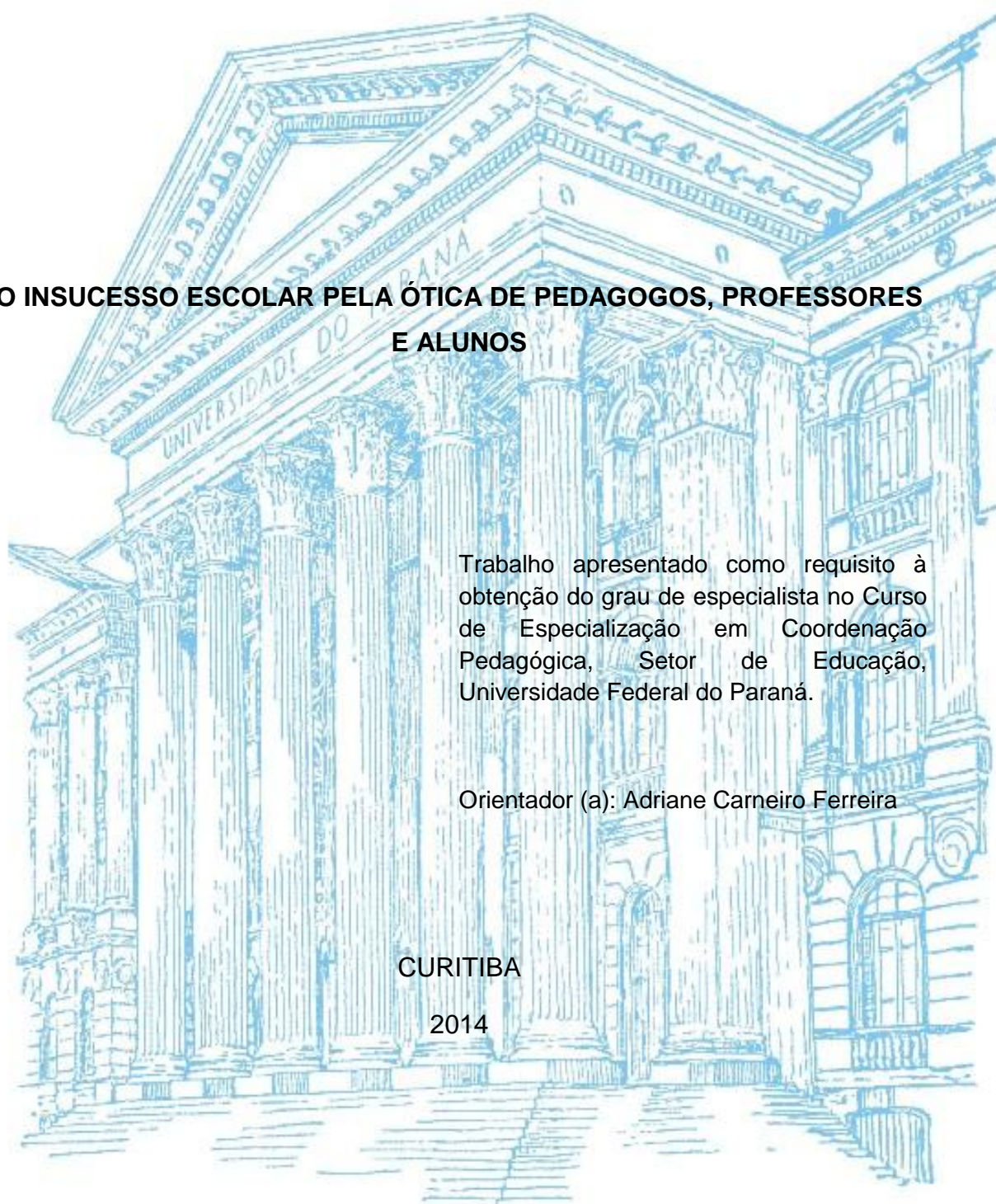
**O INSUCESO ESCOLAR PELA ÓTICA DE PEDAGOGOS, PROFESSORES  
E ALUNOS**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Adriane Carneiro Ferreira

CURITIBA

2014



# O INSUCESSO ESCOLAR PELA ÓTICA DE PEDAGOGOS, PROFESSORES E ALUNOS

SANTOS, Cleusa Stempniak dos\*

## RESUMO

O presente trabalho aborda a questão do insucesso escolar. Tema bem atual na sociedade, por isso a necessidade de entender suas possíveis causas e consequências na educação brasileira. Parte do pressuposto que esta situação envolve todo o processo ensino aprendizagem e seus sujeitos e que ao se falar de insucesso escolar, é preciso considerar questões relativas à organização e estruturação do ensino brasileiro e suas especificidades locais, regionais, considerando suas implicações como as condições de trabalho dos professores, a comunidade local, as condições físicas, psicológicas, sociais e econômicas dos alunos. Entende-se que todo este conjunto reflete a realidade da escola, portanto a necessidade de compreender as dificuldades encontradas pelos professores com relação ao ensino, assim como as causas da não aprendizagem dos alunos. O trabalho tem como eixo fundamental debater sobre a função que o pedagogo exerce dentro do espaço escolar frente a essa situação, desconsiderando um pouco da burocratização do trabalho pedagógico e entendendo-o como profissional essencial para a democratização da escola pública. Sendo assim, o intuito deste artigo é repensar o papel do pedagogo frente ao processo ensino aprendizagem, buscando modificar o panorama até então apresentado e assim promover uma educação pública de qualidade a todos.

**Palavras-chave:** Aluno. Professor. Pedagogo. Ensino. Aprendizagem. Insucesso Escolar

---

\* Artigo produzido pela aluna Cleusa Stempniak dos Santos do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Mestre Adriane Carneiro Ferreira. E-mail: [cleusa33santos@gmail.com](mailto:cleusa33santos@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a escola é uma extensão da sociedade, por isso tudo o que acontece nela, é reflexo dos diferentes contextos que perpassam os sujeitos que nela convivem. Entender essas demandas sociais que interferem no processo ensino aprendizagem e como agir diante delas, não é algo fácil, pois ao mesmo tempo somos sujeitos ativos e passivos desse ambiente.

Assim as inúmeras transformações que a sociedade vem passando, perpassam pela educação, que necessita responder, intermediar e propor soluções para diferentes conflitos. Vivenciamos, na atualidade, nas escolas a necessidade de abordar uma infinidade de temas sobrecarregando-a com uma demanda emergente e ilimitada de fazeres que por vezes a descaracteriza.

Em seu artigo “Violência e Educação” Nagel (2005, p. 5) ressalta que a escola está perdendo sua função social e política, pois os interesses antagônicos dos sujeitos envolvidos nela e por ela se reforçam a cada dia. Sabemos, no entanto, que todo indivíduo ao adquirir novos conhecimentos, modifica o seu modo de ser, pensar e de atuar social e politicamente, e isso possibilita que todos deixem de ser apenas meros espectadores da situação e se tornem sujeitos de um processo histórico ao qual estão inseridos.

Assim, constatamos a quantidade crescente de leis, que sustentam a tão sonhada educação de qualidade passando pelo exposto no princípio do artigo 2º da LDB nº 9394/96, no qual a educação tem “[...] por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Entretanto, a qualidade da educação tem seus percalços, a começar pelas realidades das salas de aula, bem como do ambiente escolar, onde têm ocorrido muitas divergências e conflitos entre o professor e aluno, aluno e aluno, professor e pedagogo, professor e professor. Esta situação acaba refletindo negativamente e construindo uma relação distorcida tanto na relação aos sujeitos entre si, quanto destes em relação aos saberes, aprendizagens e consequentemente isso impacta nos resultados escolares.

Os altos índices de evasão, reprovação e o baixo índice de desempenho das escolas públicas brasileiras, demonstram como a educação

não está conseguindo consolidar o que a ela é essencial que é a de propiciar a socialização dos conhecimentos historicamente construídos e apontam o insucesso escolar como uma de suas características atuais.

Para Fonseca (2012, p.1), “[...] a escola e os professores não podem e nem devem ser vistos como os “salvadores da Pátria”, mas fazem parte dessa estrutura e têm uma função social a cumprir: socializar o conhecimento”.

A autora coloca ainda outros indicativos que contribuem para o insucesso escolar, um deles é o aumento de números de alunos aprovados pelo conselho de classe confirmando que não adquiriram a aprendizagem dos conteúdos ensinados em condições mínimas, e outros associados ao desinteresse, a indisciplina e a violência verbal e física presentes na escola.

Nesse contexto, o desenvolvimento desse artigo objetiva refletir sobre o insucesso escolar. Quais seriam, nesse contexto amplo onde as escolas estão inseridas, os condicionantes principais que estariam mais intimamente ligados ao insucesso? Seriam às práticas metodológicas utilizadas pelos professores ou a falta delas, talvez pelo desinteresse ou dificuldades de aprendizagem dos alunos, ou quem sabe ainda pela falta de cumprimento do papel social da escola, ou seja, do sistema de ensino.

Além do aluno e do professor, o artigo também visa firmar o papel do pedagogo no ambiente escolar, como elo de sustentação, entendendo que as relações advindas no processo ensino aprendizagem, entre os segmentos da escola influenciam diretamente esse aspecto. De acordo com Fonseca (2012, p.2), há a necessidade urgente de “[...] buscar soluções, mesmo com a consciência de que os professores, equipe pedagógica e direção de uma escola não têm o poder de solucionar todos os problemas gerados pelo contexto atual”.

Mediante essas questões o problema que justifica esse artigo é: Por que os professores não conseguem diferenciar desinteresse de estudar e dificuldade de aprendizagem dos alunos? E ainda dentro desse aspecto por que o pedagogo tem muita dificuldade para auxiliar o professor nessa identificação e na modificação do problema?

As indagações acima surgiram com a minha inquietação, das contradições e das incoerências constatadas em minha atuação como

pedagoga, na necessidade de compreender as relações da sala de aula e o dia a dia dos professores e alunos no processo de ensinar e aprender, e que acarretam o insucesso escolar para muitos.

Partindo dessa premissa, para produzir esse artigo, foi preciso realizar diferentes pesquisas bibliográficas sobre o tema proposto (por meio de leitura sistemática de livros, artigos, revistas, sites científicos, entre outros).

Foi realizada também uma pesquisa de campo com professores, alunos e pedagogos de uma Escola Estadual do Município de Maringá, através de um questionário. Participaram 14 alunos do colégio, sendo dois de cada ano, ou seja, no Ensino Fundamental 8 alunos (6º ao 9º anos) e no Ensino Médio 6 alunos (1º ao 3º anos), com 7 professores, sendo 2 da disciplina de Matemática (um do Ensino Fundamental e um do Ensino Médio), 2 da disciplina de Português (um do Ensino Fundamental e um do Ensino Médio), 1 da disciplina de História, 1 da disciplina de Geografia, 1 disciplina de Educação Física, também 2 pedagogos (um do Ensino Fundamental e um do Ensino Médio).

O artigo está dividido da seguinte forma, primeiramente as reflexões de diferentes autores sobre o tema em questão: insucesso escolar e atuação do pedagogo. Na sequência a descrição da metodologia utilizada e as análises das respostas obtidas nos questionários. Por fim as considerações finais contemplando as sínteses das conclusões da pesquisa, o conhecimento adquirido e o avanço específico na atuação do pedagogo, todos em função da democratização da escola pública e visando minimizar o insucesso escolar.

## 1. INSUCESSO ESCOLAR

O termo Insucesso vem ganhando cada vez mais espaço no meio escolar, apresentando resultados negativos transcritos em forma de dados estatísticos e ao final do ano letivo se apresenta por índices sempre desfavoráveis à promoção e avanço acadêmico dos alunos, reforçando a ideia de que nem sempre a escola é promotora de sucesso.

Buscando entender isso, (OLIVEIRA, 2009, p. 17), destaca que “[...] as políticas educativas na atualidade partem da noção de que a escola é o espaço de ensino, mas antes de tudo, de promoção de justiça social”. Para além da

crítica a certa descaracterização da função escolar, sugere que por meio da educação qualquer pessoa deveria ter as mesmas oportunidades.

Entretanto, a escola vem assumindo cada vez mais diferentes funções sociais, principalmente a assistencialista, que de acordo com a autora se justifica pela tentativa de corrigir os desequilíbrios sociais e econômicos, por meio de programas como o Bolsa Família e o ProJovem, a Merenda Escolar e as políticas de saúde. Essa dualidade da escola, entre o caráter de promoção de justiça social e ao mesmo tempo de instituição educadora que dissemina o conhecimento, tem gerado falta de confiança na verdadeira função que a escola pública deveria exercer que é a democratização do ensino e o estabelecimento do exercício da cidadania, (OLIVEIRA, 2009).

Sendo a educação um direito de todo cidadão e como tal dever do Estado oportunizá-la de forma igualitária, é preciso considerar que as mudanças ocorridas nesse âmbito não acontecem de maneira linear, mas demonstrando conflitos, interesses e divergências de cada momento histórico.

A história da educação pública, refletida por Carnoy (apud OLIVEIRA, 2009, p.19) é permeada das reivindicações sociais. Reafirmando isto, Dubet (2004) relata que as sociedades aristocráticas priorizavam o nascimento e por isso oferecia educação diferenciada dependendo da classe social de cada um, enquanto que nas sociedades democráticas prioriza-se o mérito como princípio essencial de justiça, dessa forma, ele considera que nesta organização a escola é vista como justa porque favorece que cada um obtenha sucesso nela em função de seu trabalho e de suas qualidades.

Dubet (2004) aponta também em seu artigo intitulado “O que é uma escola justa?” que a escola nesta concepção meritocrática de justiça apresenta muitas dificuldades. Entre elas a escola meritocrática ao invés de eliminar as desigualdades sociais reforça as desigualdades escolares; apesar de ofertar oportunidades escolares a todos, ignora as desigualdades sociais; também propõe que em uma educação “dita” justa, os fracassados não foram vítimas de injustiça, porque tiveram as mesmas oportunidades, mas não atingiram o mérito, isso faz com que muitos alunos percam sua autoestima e motivação. Além disto, reforça a ideia de problemas pedagógicos, uma vez que aqueles

alunos que não obtêm sucesso são deixados de lado e recebem um currículo diferenciado e mais enfraquecido.

Assim para Dubet (2004), o conceito de mérito se torna questionável, embora haja igualdade de oportunidades, são oferecidos aos diferentes grupos sociais diferentes estruturas escolares e desiguais, então conclui que “[...] nenhuma escola sozinha consegue produzir uma sociedade igualitária e justa (DUBET, 2004, p. 545)”, enquanto não houver igualdade social. Ainda de acordo com o autor, é aceitável que existam as desigualdades, desde que garanta um mínimo de recursos adequados para todos, não reforçando e piorando as condições dos alunos mais fracos.

Confirmando ainda o entendimento de que a desigualdade social é reforçada dentro da escola, Paulo Freire em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (1987), afirma que ainda encontra-se uma educação bancária, na qual os alunos são sujeitos passivos do processo pensado e executado pelo professor sem considerar suas expectativas e demandas:

Daí, então que nela, o educador é o que educa e os educandos os que são educados; o educador é o que sabe os educandos os que não sabem; o educador é o que pensa os educandos os pensados; o educador é o que diz a palavra, os educandos que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina, os educandos os disciplinados; o educador é que opta e prescreve sua opção, os educandos que seguem a prescrição; o educador é o que atua os educandos os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; o educador escolhe o conteúdo programático, os educandos jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber como sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos, estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador finalmente é o sujeito do processo, os educandos meros objetos. (FREIRE, 1987, p. 34).

Essa citação é o espelho do cotidiano escolar para professores que ainda se mantêm presos à educação tradicional, dessa forma é que os conflitos acabam tornando o ambiente bastante desarmonioso, impossibilitando o bom desenvolvimento das aulas, apontado como um dos fatores do insucesso escolar.

Corroborando, então da ideia de que a escola deve auxiliar na promoção de justiça social, porém dentro da sua especificidade que é educativa, da aprendizagem dos conteúdos acumulados historicamente, com qualidade e por

todos, surge o desafio de compreender a causa dos índices de baixo desempenho apresentados nos resultados de avaliações internas e externas da escola.

Mediante as reflexões feitas até aqui, qual seria o termo mais apropriado para compreender esse processo: Fracasso Escolar ou Insucesso Escolar?

De acordo com o dicionário Aurélio (2010), Fracasso é explicado como desastre, desgraça, ruína, perda, mau êxito, malogro; e o termo Insucesso se remete a falta de bom êxito, fracasso, malogro e mau resultado. Os dois termos apresentam significados parecidos, entretanto, há autores como Gurgel (2010) que expressam que ao se falar em fracasso escolar, entende-se como sendo uma dificuldade apresentada apenas pelo aluno em situações de aprendizagem, ou seja:

O fracasso escolar pode ser compreendido, num primeiro momento, como algo vinculado a autoestima no processo de aprendizagem, algo que inviabiliza a capacidade de um ou mais indivíduos de aprender, de acreditar e sentir-se digno de que pode apropriar-se do conhecimento. (GURGEL, 2010, p. 01).

Para o termo Insucesso Escolar há outros autores que compreendem que ele se refere a um conjunto de fatores que culminam nesta situação e se caracteriza não somente pela incapacidade do aluno, mas também pela fragilidade apresentada pelo sistema educacional.

Lopes (2010, p.1) afirma que:

[...] o insucesso que era atribuído até então ao foro individual do aluno, tornou-se subitamente um problema insuportável sob o ponto de vista social. [...] a culpa do seu insucesso passou a ser assumida como um fracasso de toda a comunidade escolar. O sistema não está a ser capaz de motivar, reter e promover o êxito dos alunos.

Ante o exposto, utilizaremos o termo Insucesso, pois também acreditamos ser uma falha do sistema educacional como um todo, que por vez parece trazer políticas educacionais desvinculadas da realidade escolar. O termo ao mesmo tempo envolve as fragilidades metodológicas dos professores, as dificuldades de aprendizagem e/ou desinteresse dos alunos e a atuação do pedagogo frente a essa situação.

Para compreender o insucesso precisamos analisar vários pontos de vista, desde a atribuição da causa ao próprio aluno, à prática pedagógica do professor até o sistema educacional como um todo. Dessa forma há de se retomar a concepção de diferentes autores sobre a temática.

Autores como Menezes (2010, p.130) em um dos seus artigos expressa que “Quem acredita que basta ter a intenção de ensinar não se constringe em culpar o aluno que não conseguiu aprender”, ele não quer com isso atribuir a causa totalmente aos professores, mas avaliar que dentro do contexto, algumas práticas pedagógicas podem comprometer positivamente o processo ensino aprendizagem de muitos alunos.

Alguns professores, no entanto, se limitam a entender que a falta de aprendizagem é mesmo responsabilidade do próprio aluno, portanto ele é que não aprende, tornando-se comum ouvir a fala de que o aluno não sabe nada, já o estigmatizando ao insucesso escolar. Daí a necessidade de pensar e repensar constantemente a prática pedagógica.

Quanto à concepção de que o “culpado” pelo Insucesso Escolar é apenas o aluno, Lopes (2010, p.14) aponta três aspectos. Um deles é que os alunos são considerados preguiçosos, distraídos e desinteressados; o segundo aspecto aponta para a origem social, sendo que os advindos das classes socioeconômicas mais baixas seriam os que apresentariam menores índices de sucesso escolar e os piores resultados; e o terceiro aspecto se refere à influência familiar, ou seja, a existência da “[...] demissão dos pais na educação dos filhos, é uma das causas detectadas no que diz respeito ao insucesso escolar (LOPES, 2010, p. 14)”.

Outro aspecto que pode ser destacado como ponto que fortalece o insucesso, e que vem crescendo muito no ambiente escolar, é a questão da violência. Nagel (2005, p. 3) em seu artigo, “Violência e Educação”, faz referência ao livro Professor Refém de Tânia Zagury (2006), no qual é descrito que os professores estão à mercê de represálias dos alunos, dos pais e de membros da comunidade que vem acelerando e aumentando, inclusive medidas jurídicas e violentas contra os professores.

Diante das contribuições de diversos autores sobre o insucesso escolar, é importante se pautar na ressalva de Libâneo (1996, p.127) de que “[...] o

pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação”. Entretanto tal função está resumida a atender constantemente situações de conflitos entre alunos/alunos, alunos/professores, alunos/professores/família ficando a desejar o acompanhamento e até a execução do trabalho pedagógico.

Um espaço de discussão na escola é o Conselho de Classe que proporciona aos professores da turma, ao pedagogo e ao diretor, conhecer os alunos e ao mesmo tempo levantar “problemas” que estão impedindo o sucesso escolar. Com essa expectativa, é que a análise do professor e o seu “olhar especializado” precisa fazer a diferença, por meio do diagnóstico feito sobre o que seus alunos já sabem e o que precisam aprender sobre seu conteúdo. O pedagogo necessita, nesse momento, realizar a reflexão conjunta utilizando de todo conhecimento teórico que possui para estabelecer junto com a equipe docente práticas que viabilizem o sucesso para todos os alunos.

Braga (2013, p.1) expressa que:

A questão da excelência do processo de ensino-aprendizagem não é algo que pode ser garantido apenas pelo professor e pelas suas estratégias didático-pedagógicas. Ela é uma conquista e supõe o diálogo, a participação efetiva do aluno e, sobretudo, a construção de relações de proximidade e empatia com os estudantes.

Partindo dessa citação, fica evidente que aprender e ensinar vai além das práticas pedagógicas, estabelecendo uma relação de empatia, que muitas vezes parte da concepção que o professor tem sobre processo ensino aprendizagem, qual o seu papel e o dos alunos e também como ele considera o pensar e o fazer docente. O pedagogo nesse momento desempenha uma importante função que é fazer essa ponte entre o professor, o aluno e o conhecimento.

É notório que temos muitos alunos que não veem a escola como um preparo para o seu futuro, todavia, precisamos buscar respostas para compreender o que está por trás desse desinteresse em estudar.

Será que as atitudes de desrespeito para com o professor, a indisciplina, o não comprometimento em estudar fora do ambiente escolar é apenas

“capricho” do aluno ou será que o fato dele possuir lacunas na aquisição do seu conhecimento é o causador dessas situações?

O professor consegue perceber em que momento o aluno demonstrou essa lacuna para que assim possa partir desse conhecimento e possibilitar que ele vá se apropriando de um novo conhecimento? Questões como essas são motivo de muitas reflexões nas escolas, mas nem sempre de entendimento e de um fazer coletivo em busca do mesmo objetivo.

Nesse contexto, Braga (2013), ainda expõe que há duas práticas e concepções: uma autoritária e antidemocrática, na qual o professor se vê como detentor do conhecimento e somente ele sabe qual o caminho para ensinar e aprender, produzindo na sala uma relação autoritária e não por meio de diálogo, fazendo com o aluno não seja sujeito da sua aprendizagem.

A outra prática e concepção percebe o processo ensino aprendizagem como dialógico, quer dizer, que ensinar é mais do que transmitir conhecimento, mas possibilitar a sua construção de maneira que todos ensinem e todos aprendam.

## 2. O PEDAGOGO E O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

A Pedagogia é a ciência da educação que de forma organizada e sistematizada estuda as questões que envolvem a educação. Libâneo (1998, p. 11) entende que “[...] a Pedagogia se ocupa do ato educativo; interessa-se pela prática educativa, fazendo parte da atividade humana e da vida social do indivíduo”, transformando-o.

Segundo Silva (2003) a Pedagogia surgiu no Brasil em 1939, e possuía desde então quatro regulamentações estabelecendo várias atuações do pedagogo conforme alterações legais e curriculares no contexto educacional político e social. A autora descreve que na 1ª regulamentação de 1939 cabia ao pedagogo à função apenas de “dividir” o espaço com os demais professores com atividades pedagógicas, apesar de ter sido no Brasil um momento de reconstrução social surgindo novos métodos e técnicas.

Já a 2ª Regulamentação em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 4.024/61 e o Parecer 251/62, do CFE, com

base na educação tecnicista, conferiu ao pedagogo o título de especialista, um técnico, mas o trabalho em si continuava sendo conservador e mal definido.

A 3ª Regulamentação em 1969 se pauta na Lei Federal da Reforma Universitária, nº. 5.540/68, e no Parecer 252/69, do CFE, o ensino permanecia tecnicista, fragmentado. Nesse contexto, o trabalho do pedagogo fica definido para a função de Orientadores e Supervisores e para o Magistério nas Séries Iniciais do 1º Grau.

Por fim, na 4ª Regulamentação através da Resolução nº. 1 de 15 de maio de 2006 CNE/CP, e da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96, a formação do pedagogo permite o exercício da docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional, tendo como responsabilidade articular a ação educativa como processo de socialização e construção do conhecimento em diferentes visões do mundo.

Nessa concepção, a função do pedagogo torna-se fundamental na contribuição do trabalho docente, pois implica na articulação dos diferentes saberes numa perspectiva coletiva, como expressa Libâneo (1996, p. 107) “[...] ajuda aos professores no aprimoramento do seu desempenho na sala de aula, na análise e compreensão das situações de ensino na vinculação entre as áreas do conhecimento pedagógico e o trabalho de sala de aula.” Ainda conforme o autor, o pedagogo assume a função social e política:

[...] que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista, objetivos de formação humana, previamente definidos em sua contextualização histórica (LIBÂNEO, 1996, p. 25).

No que diz respeito à formação continuada, a Secretaria de Educação do Estado do Paraná, traz como atribuições do pedagogo da escola pública no Paraná:

VII. Promover e coordenar reuniões pedagógicas e grupos de estudo para reflexão e aprofundamento de temas relativos ao trabalho pedagógico visando à elaboração de propostas de intervenção para a qualidade de ensino para todos;

VIII. Participar da elaboração de projetos de formação continuada dos profissionais do estabelecimento de ensino, que tenham como

finalidade a realização e o aprimoramento do trabalho pedagógico escolar. (PARANÁ, 2010, p. 27).

Após os esclarecimentos e comparando com o cotidiano da escola é possível confirmar que a função do pedagogo está difícil de ser compreendida no âmbito escolar, considerando a própria complexidade da educação em relacionar o planejamento coletivo e o acompanhamento do trabalho pedagógico com a participação e comprometimento de todos.

Ainda dentro da atuação desse profissional, há outros desafios que influenciam o desenvolvimento do seu papel, entre eles estão às condições de trabalho em que estão submetidos na maioria das escolas públicas no que se refere à inversão da função. Também outro desafio está na execução do trabalho coletivo, ou seja, na elaboração do Plano de Ação e do Projeto Político Pedagógico quando há a necessidade e a vontade em reunir professores e funcionários para debater, refletir e encaminhar ações da escola, ora pela carga horária de cada um, ora pelo interesse dos mesmos em discutir, quer seja por desconhecimento, quer seja por desinteresse, cansaço, falta de perspectiva e expectativa.

Fernandes (2004, p. 6) expressa que a realidade cotidiana da escola está permeada “[...] pelos problemas sociais, exigindo dos profissionais um planejamento que atenda de forma mais direta as questões da diversidade, da indisciplina e da violência que afetam a maioria da população”.

Para finalizar essa discussão:

A função primeira do coordenador pedagógico é a de planejar e acompanhar a execução de todo o processo didático-pedagógico da instituição, tarefa de importância primordial e de inegável responsabilidade e que encerra todas as possibilidades como também os limites da atuação desse profissional. Quanto mais esse profissional se voltar para as ações que justificam e configuram a sua especificidade, maior também será o seu espaço de atuação. Em contrapartida, o distanciamento dessas atribuições seja por qual motivo for, irá aumentar a discordância e desconhecimento quanto às suas funções e ao seu papel na instituição escolar. (PIRES, 2004, p. 182).

### 3. SÍNTESE DOS QUESTIONÁRIOS

Com a finalidade de concluir o estudo sobre o papel do pedagogo como articulador do processo ensino aprendizagem minimizando o quadro de insucesso escolar na instituição, apresento aqui as sínteses da pesquisa de campo realizada com professores, alunos e pedagogos de uma Escola Estadual do Município de Maringá, Paraná.

Primeiramente descrevo os critérios utilizados para a escolha dos participantes da pesquisa: os alunos são do Ensino Fundamental e Médio, sendo dois de cada série/ano, que já tiveram ao menos uma reprovação durante o seu período de escolarização e que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Os professores das disciplinas de Matemática, de Língua Portuguesa, de História, de Geografia e de Educação Física, disciplinas que são comuns às duas modalidades de ensino (Fundamental e Médio); e pedagogos que atuam no Ensino Fundamental e no Médio.

#### 3.1 SOBRE OS ALUNOS

Os alunos que responderam ao questionário são de ambos os sexos e possuem entre 11 e 18 anos de idade. As questões previstas no questionário dizem respeito ao relacionamento entre professor/aluno e também sobre as dificuldades de aprendizagem que enfrentam no dia a dia na escola.

Quando questionados sobre o que achavam da relação professor/aluno os resultados foram: 31% responderam que deveria haver mais respeito; 24% mais paciência; 14% autoridade; 10%, compreensão; 7%, amor; 7%, rigor; 5%, carinho; 2%, mais disciplina. Na justificativa a maioria dos alunos indicou que se houvesse mais respeito haveria mais aprendizagem. Assim, para a maioria o fator principal para dificuldade do aluno em aprender seria falta de respeito e compreensão do professor na verificação e acompanhamento do aluno e se ele realmente aprendeu o conteúdo.

No entanto, quando questionados sobre a visão que possuem do professor as respostas foram as seguintes: 41% dizem que são amigos, 39% que são rigorosos, 16% que são indiferentes e 4% outras respostas.

Quando questionados sobre o modo como os professores se relacionam com a turma a resposta obtida foi: 44% poderiam ser melhor, 30% está bom, 17% é aceitável e 9% ruim. No espaço localizado para justificarem a resposta, encontra-se frases como a do aluno “[...] tem dia que o professor tá legal, mas tem outro dia que não e daí sua aula fica chata, mas dá para aceitar porque ele dá tantas aulas que fica cansado (Aluno pesquisado)”. Estes dados sugerem que os alunos, mesmo com dificuldades, não atribuem aos docentes e suas particularidades pessoais o fator principal para a não aprendizagem.

Todavia, ao serem perguntados sobre se o bom relacionamento entre professor e aluno influenciaria na aprendizagem dos alunos, 81% disseram que influencia e 19% disseram que não. Justificando pelo relato de um dos alunos “[...] quando o professor que se relaciona bem com o aluno, parece que a gente aprende mais rápido. (Aluno pesquisado)”.

Complementando a questão foi perguntado se o bom relacionamento entre professor/aluno influenciaria no jeito de ensinar e aprender e como resposta obteve-se que para: 36% influencia muito, 41% influencia totalmente, 15% influencia pouco, 8% não influencia nada. Para um dos alunos “[...] quando o professor tem amizade com os alunos, todo mundo presta mais atenção na aula e entende mais, porque pergunta para o professor (Aluno pesquisado)”.

Assim para os alunos participantes desta pesquisa os professores deveriam ser: 12% mais rigorosos; 23% mais amigáveis; 33% mais pacientes; 32% como são. Para justificar um aluno descreveu que “[...] tem professor que chega na sala e não tem paciência de esperar a gente se organizar pra entender a aula, já começa explicando e a gente ainda tá perdido (Aluno pesquisado)”.

Ao serem solicitados a escreverem suas opiniões sobre o relacionamento professor/aluno as respostas ficaram centradas nas questões que envolvem o respeito e paciência dos professores para com os alunos.

Sintetizando as respostas obtidas, tem-se a impressão de que nem o ensino e nem a aprendizagem estão satisfatórios, havendo a necessidade de melhorar o relacionamento entre professores e alunos. Libâneo (1994) apud Lopes (2010, p.26) expressa que “A interação professor-alunos é um aspecto fundamental da organização da situação didática, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades”.

### 3.2 SOBRE OS PROFESSORES

Sete professores colaboraram com esta pesquisa, por meio de questionários, sendo disciplinas afins tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio: Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia e Educação Física e as que mais demonstram diferenças de notas entre as turmas.

Nas respostas do questionário foi possível observar que os professores reconhecem seu trabalho como essencial no processo ensino aprendizagem e se veem como mediadores do conhecimento.

Ao serem questionados sobre como percebem que os alunos com dificuldades de aprendizagem são tratados na escola pelos diferentes sujeitos, constatou-se a preocupação da maioria em dar atenção especial a esses alunos, visto que a dificuldade de aprendizagem reforça a desigualdade em relação aos demais.

Entretanto, colocam que nem sempre é possível melhorar esse quadro, mesmo que com atenção mais especial do professor. Um dos professores pesquisados relata: “A escola e demais partes envolvidas no ensino aprendizagem tentam propiciar oportunidades aos alunos com dificuldades, mas nem sempre atingem seus objetivos, isto devido, de uma maneira geral, as dificuldades encontradas nesse processo (Professor pesquisado)”.

De acordo com um dos relatos os professores “[...] devem manter e estimular um intercâmbio de ideias para que o conhecimento seja compartilhado entre os sujeitos, principalmente, aos alunos com dificuldades de aprendizagem (Professor Pesquisado)”.

Quando questionados sobre o relacionamento do professor com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem: 65% consideram bom; 19% muito bom; 16% regular e 0% péssimo.

Para a questão que versava sobre o que você (professor) identificaria como sendo a maior dificuldade dos alunos para aprender foram muitos aspectos apontados. Para alguns seria a falta dos alunos saberem o significado de termos, conceitos científicos que já deveriam estar apropriados, o que dificultaria fazer associações, de estabelecer a relação dos conteúdos com o cotidiano. A falta de envolvimento do aluno nos estudos, e também a dificuldade em dialogar gerando conflitos em sala e desviando o objetivo da aula, foram também citados.

Quanto à dificuldade que o professor encontra para ensinar e como ele auxilia os alunos com dificuldades acentuadas de aprendizagem demonstraram saber que é preciso maior envolvimento com estes alunos, utilizar metodologias diferenciadas possibilitando que todos sintam-se à vontade para aprender e mais diálogo a fim de que o aluno possa expor suas dificuldades. Como o expresso pelo professor que relata que para auxiliar seus alunos “[...] é preciso despertar o interesse e dar atenção estimulando-os e mantendo um bom relacionamento (Professor pesquisado)”.

Para 90% dos professores que responderam ao questionário é fundamental uma relação amigável com os alunos a fim de evitar um ambiente com conflitos para que as aulas sejam mais proveitosas. Para um pesquisado esta relação: “[...] Altera muito, tanto pode levar o aluno a se interessar ou a não se interessar pelo estudo, por isso é muito importante manter um bom relacionamento porque facilita a aprendizagem e a convivência (Professor pesquisado)”.

Muitos fatores foram elencados para o insucesso escolar, entre eles o processo ensino aprendizagem foi apontado como o mais importante.

Quanto ao culpado, alguns professores indicaram a omissão da família no acompanhamento escolar como causa principal, outros dizem que “[...] a origem é de ordem psicológica (Professor pesquisado)”. Também que “[...] as questões sociais são as culpadas, pois considerando o meio em que o aluno

vive e as condições econômicas da família é difícil que o aluno se desenvolva nos estudos (Professor pesquisado)”.

Contudo, para os outros professores não haveria um culpado, mas sim o sistema como um todo: “A culpa é resultado de um grupo de fatores associados. O fracasso não pode ser visto como se fosse só do aluno, pois não é, todos que estão na educação têm sua parcela de responsabilidade (Professor pesquisado)”.

Sintetizando, os professores indicaram que a relação professor/aluno é fundamental para que o processo ensino aprendizagem ocorra de maneira significativa, e quanto ao insucesso escolar reconhecem que existe uma parcela de responsabilidade de todos os envolvidos na educação e por isso o aluno não pode ser o único responsável e vítima dessa situação.

### 3.3. SOBRE OS PEDAGOGOS

Participaram dessa pesquisa duas pedagogas que atuam na Escola Estadual em que a pesquisa empírica foi realizada. As duas pedagogas possuem anos de trabalho no magistério, uma com 25 anos de docência e a outra com 17 anos de docência. Nesse colégio, há uma divisão de atendimento do trabalho das pedagogas, assim uma trabalha com alunos e professores do Ensino Fundamental e a outra do Ensino Médio. Sendo assim, foram solicitadas a participarem, visando uma maior abrangência no estudo.

Sobre os culpados para o insucesso escolar e quem são, afirmaram que o insucesso escolar pode ser percebido por muitos fatores e que não existe propriamente um culpado. Uma delas responde que: “O insucesso escolar se evidencia em diferentes circunstâncias. Tanto ele pode estar centrado no sujeito que se encontra na condição de aprendiz, cujo insucesso ocorre por fatores intrínsecos, como também pode ser determinado por fatores extrínsecos”. (Pedagoga Pesquisada).

Quando questionadas se os professores pedem ajuda aos pedagogos para auxiliarem a resolver ou amenizar problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem alegaram que são procuradas, mas sempre em um contexto de cobrança de que faça algo externo à sala de aula. Geralmente a solicitação

dos professores está em “[...] querer esclarecimentos sobre os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, como questões relativas à saúde, vida familiar, vida social, etc”.

Para as pedagogas as pessoas/ações que os professores mais indicam como responsáveis pelo insucesso escolar: 30% os pais, 40% próprio aluno; 20% desinteresse/preguiça. As questões sociais não foram contempladas. Uma das pedagogas cita como um dos desafios: “[...] alunos que possuem laudo médico e apesar de tantas formações, as escolas não estão totalmente preparadas para atendê-los (Pedagoga Pesquisada)”.

Ao serem questionadas sobre como agem, suas ações, tanto com o aluno como com o professor para auxiliar na superação do insucesso escolar, disseram que procuram fazer uma sondagem do histórico escolar do aluno e com a família, em seguida passam as informações colhidas para os professores, buscando “[...] identificar as causas do insucesso escolar e a partir daí buscar as ações necessárias para a superação das mesmas (Pedagoga Pesquisada)”.

Para as pedagogas a relação professor-aluno pode alterar o processo ensino aprendizagem, como apontada na fala de uma delas:

[...] a relação estabelecida entre o professor e o aluno pode levar tanto ao sucesso como ao fracasso escolar. Quando há um bom relacionamento entre o professor e o aluno as dificuldades de aprendizagem tendem a ser minimizadas, pois se estabelece um clima de segurança e confiança entre as partes, o qual, no meu ponto de vista, é indispensável no processo de ensino e de aprendizagem (PEDAGOGA PESQUISADA).

Para sintetizar as respostas, o que se torna perceptível é que o trabalho da pedagoga ainda centra-se nas questões rotineiras e em menor parte na pedagógica, e que alguns professores apontam o aluno como sendo o responsável pelo insucesso escolar, cabendo a ela buscar “meios” para saber as causas e as soluções do problema.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao pensarmos o processo educativo não podemos admiti-lo como sendo apenas um processo de mão única, onde o aluno é espectador, o professor

detentor do conhecimento e o pedagogo o profissional que resolve os conflitos escolares.

É preciso ir além dos muros da escola para entender questões pertinentes ao insucesso escolar que surgem nos resultados dos rendimentos escolares, como posto, às questões sociais, as dificuldades de aprendizagem, a ausência da família, o desinteresse dos alunos, o sistema educacional como um todo, incluindo as políticas públicas da educação.

O ensino público que ao ampliar o acesso à escola atendendo uma grande parcela populacional, incluindo os que historicamente não tinham acesso a ela como os mais pobres, não conseguiu ainda fazer com que esta ampliação seja acompanhada de qualidade de ensino para todos esses sujeitos.

Como educadores não podemos nos eximir e aceitar que a educação pública não cumpra seu papel formativo oportunizando para todos o direito à aprendizagem e de qualidade. Assim, não nos cabe rotular os alunos de preguiçosos, desinteressados e com pouco conhecimento científico, pois não está somente neles o problema das dificuldades e da não aprendizagem.

A pesquisa empírica realizada aponta que os casos precisam ser analisados coletivamente, toda a equipe escolar precisa pensar sobre as dificuldades de cada aluno e da instituição. Quanto às estratégias de resolução dos problemas detectados ora sugerem ações individualizadas, ora merecem ações coletivas, visto que muitos e diferentes fatores podem estar relacionados à questão.

Partindo da síntese dos estudos e reflexões sobre a atuação do pedagogo, a importância do processo de ensino para a aprendizagem e da relação professor/aluno, descritos nos questionários realizados, e vistos como aspectos que desencadeiam sucesso ou insucesso, conclui-se que é imprescindível pensar e desenvolver ações coletivas que poderão minimizar ou solucionar essas possíveis causas. Há de se considerar o aluno também como uma “vítima” da situação e assim, não deveria ser responsabilizado por esse quadro educacional, visto que é preciso constatar todos os fatores que inferirem sobre eles.

Nesse sentido, o professor precisa buscar meios de compreender seu aluno de forma global e integrada e possibilitar situações de aprendizagem em sua totalidade de maneira prazerosa e significativa.

Quanto à atuação do pedagogo, percebe-se que é um profissional essencial na articulação do processo educativo, que deve buscar garantir que o ensino aprendizagem ocorra de forma satisfatória. Para afirmar essa ideia, compartilho com Fernandes (2004) que expressa que a atuação e o trabalho do pedagogo contribuem de maneira significativa no ambiente escolar e favorece “[...] o desenvolvimento da aprendizagem, do conhecimento, do trabalho coletivo e interdisciplinar, da ética, da cidadania, na perspectiva de uma educação, de uma escola, de uma sociedade cada vez mais inclusiva (FERNANDES, 2004, p.14)”.

Por fim, confirma-se então que para superarmos os desafios e buscar meios de garantir uma educação de qualidade, o diretor, o pedagogo, os professores, os alunos e os pais, precisam responsabilizar-se, ou seja, internalizar que a educação pública é um assunto de interesse público, portanto conhecer e compreender os percalços enfrentados nela e por ela é imprescindível para a comunidade em que ela está inserida, a fim de superar os desafios, garantindo o sucesso escolar de todos. Será que isso basta?

## REFERÊNCIAS

BRAGA, O.R. **A relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem**: um desafio para a ação docente. Disponível em [www.emdialogo.uff.br](http://www.emdialogo.uff.br). Agosto/2013.

DUBET, F. **O que é uma escola justa?** Tradução de Édi G. de Oliveira e Sérgio Cataldi. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

FERNANDES, M.J.S. **O professor coordenador pedagógico, a articulação do coletivo e as condições de trabalho docente nas escolas públicas estaduais paulistas. Afinal, o que resta a essa função?** UNESP, Campus Araraquara. 2004. Disponível em [www.coordenacaoescolagestores.mec.gov.br](http://www.coordenacaoescolagestores.mec.gov.br). Acesso em 10/02/013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, T.M.; BIDA, G.L. **A relação professor-aluno**: realidade e possibilidades. 2012. Disponível em [www.diaadiaeducacao.com](http://www.diaadiaeducacao.com). Acesso em abril/2014.

GURGEL, T. **A origem do sucesso (e do fracasso) escolar**. Disponível em [www.revistaescola.abril.com.br](http://www.revistaescola.abril.com.br). Publicado em 24/02/2010. Acesso em 20/03/2014.

HOLANDA, A. B. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª Edição. Editora Positivo, 2010.

LIBÂNEO. J.C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: 8ª edição. Cortez, 1998. In: Revista Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR

\_\_\_\_\_. J. C. Que destino os educadores darão à Pedagogia? In: Pimenta, S. G. (Coord). **Pedagogia**: ciência da educação? 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LOPES. V.A.G. (In) **Sucesso Escolar** – Quais os anos de escolaridade mais problemáticos? Estudo de caso. Dissertação de Mestrado. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Portugal. 2010

MENEZES, L.C. **Esse aluno na sabe nada**. In: Revista Nova Escola. Edição 236. P. 130. Outubro/2010.

NAGEL, L.H. **Violência e Educação**. Artigo apresentado no Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. Publicado em Revista Educação em questão. V 22; nº 8; jan/abr 2005. Acesso em 18/12/2013.

SILVA, C.S.B. **Curso de Pedagogia no Brasil: História e Identidade**. 2ª Edição Revista e Atualizada. Campinas/SP. Autores Associados. 2003, p. 49 – 56.

OLIVEIRA, D.A. **Política educativa, crise da escola e a promoção de justiça social**. In: FERREIRA, Eliza Bartolozzi. **Crise da escola e políticas públicas**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Organização do trabalho pedagógico**. Coordenação de Gestão Escolar. Curitiba: SEED/Pr., 2010, p.128.

PIRES, E.D.P.B. **A prática do coordenador pedagógico-limites e perspectivas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

